

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CULTURA ESPANHOLA. BREVE NOTÍCIA DE ALGUMAS PUBLICAÇÕES RECENTES. MARTIN ALMAGRO -CERAMICA GRIEGA GRIS DE LOS SIGLOS VI Y V A. DE J. C. EN AMPURIAS.

CARDOSO, Mário

Ano: 1949 | Número: 59

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Cultura espanhola. Breve notícia de algumas publicações recentes. Martin Almagro -Ceramica griega gris de los siglos VI y V a. de J. C. en Ampurias. *Revista de Guimarães*, 59 (3-4) Jul.-Dez. 1949, p. 510-513.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Museu de Martins Sarmiento dedicada ao *Genio Tongobrigensium*, nome étnico que pressupõe uma cidade ou *oppidum* de Tungóbriga.

Este importante trabalho do Sr. Prof. Bosch Gimpera é modelar, como todos aqueles em que o erudito etnólogo e pré-historiador evidencia a sua larga visão de conjunto, acerca dos problemas gerais da formação dos povos peninsulares, e nos traça o quadro, sàbiamente delineado, dos grandes movimentos migratórios europeus, bem como da evolução das culturas e civilizações, de harmonia com uma clara e erudita interpretação das fontes escritas, sem desprezar contudo o testemunho dos monumentos da Arqueologia. Pena é que um cientista desta elevada categoria se encontre fora do seu ambiente pátrio, visto que Professores de um tão prestigioso valor intelectual são sempre raros e desejados em qualquer país.

MARTIN ALMAGRO, *Ceramica griega gris de los siglos VI y V a. de J. C. en Ampurias*. Separata da «*Rivista di Studi Liguri*», Ano XV, n. 1-2, p. 62 e ss. Bordighera 1949.

O Sr. Prof. Martin Almagro, prestigioso Director do Museu Arqueológico de Barcelona, publicou na *Rivista di Studi Liguri*, do Prof. Nino Lamboglia, um importante e detalhado estudo sobre um certo tipo de cerâmica, de pasta cinzenta escura, superfície polida e frequentemente ornamentada com linhas paralelas onduladas, fabricada em cidades gregas da Ásia Menor, e cedo imitada, posto que imperfeitamente, pelos oleiros do Mediterrâneo ocidental, sobretudo pelos fócios das feitorias gregas de Massália e Empórión. Este tipo de cerâmica, que o Sr. Almagro tem encontrado nos níveis arqueológicos mais antigos e profundos de Ampúrias, é por ele considerada um produto importado para aquela cidade directamente da Ásia Menor ou de Marselha, que mais tarde deu origem a imitações locais.

Teve esta cerâmica, que o Prof. de Barcelona data do séc. VI a. C., uma extensa área de expansão pelas regiões mediterrâneas do levante e sul da Península e pelo sul da França (Languedoc e Provença), aparecendo também, à mistura com ela, nas escavações, actuais, um outro tipo, ora com pintura, ora sem ela, igualmente de importação minorasiática, que o Sr. Almagro supõe ter sido o protótipo originário da chamada *cerâmica ibérica*, cuja cronologia tem sido ultimamente muito discutida.

O minucioso estudo do Sr. Prof. Almagro vem modelarmente acompanhado dos perfis de vários cortes estratigráficos praticados no terreno das ruínas de Ampúrias, com a indicação dos diversos níveis arqueológicos observados em cada corte, e do estudo da cerâmica correspondente a diversas épocas, que exumou em cada um desses níveis. Numerosas gravuras dos fragmentos cerâmicos encontrados documentam gráficamente o importante trabalho.

Deste estudo resulta uma ilação de excepcional transcendência. É que, sendo esta família cerâmica considerada de origem grega, e não uma produção especificamente ibérica, como se supunha (embora tenha ou não dado origem à *cerâmica ibérica*), o seu aparecimento nos *oppida* do sul da França não poderá interpretar-se como um testemunho arqueológico a favor da iberização dessas regiões, a confirmar as referências dos textos antigos (a que aliás o Sr. Almagro liga pouco crédito, neste ponto) que nos falam de Iberos naquela zona francesa, textos onde alguns investigadores querem ver a ocupação e domínio do Languedoc pelos Iberos. Para o Prof. Almagro, este tipo de cerâmicas aparecidas no Languedoc e Provença tem um significado igual ao que ressalta dos achados semelhantes na parte espanhola da costa mediterrânea, isto é, trata-se apenas, e também, de importações da mesma origem grega.

É certo que os antigos historiadores não se referem explicitamente a uma *conquista* do sul da França, pelos Iberos, ou a uma *invasão*, mas dizem-nos, contudo, que os Iberos se estendiam para além Pirineus, até o Ródano. A exegese dos comentaristas

desses textos deficientes e pouco explícitos, sem dúvida, mas que não podemos pôr absolutamente à margem, defendia, até agora, a tese dessa migração ibérica, que se teria dado por meados do séc. VI ou começos do V a. C. O Sr. Prof. Almagro não aceita tal interpretação, ou melhor — diz que a suposta *cerâmica ibérica* do sul da França, que até agora era considerada como uma evidente confirmação arqueológica dos textos antigos com respeito à ocupação daquela zona pelos Iberos, é simplesmente cerâmica de importação grega, e não ibérica.

O Arqueólogo francês Sr. Dr. Jannoray, Prof. da Universidade de Montpellier, compartilha da mesma opinião de Almagro, relativamente aos tipos de olaria, semelhante à ampuritana, aparecidos no *oppidum* de Ensérune, por ele modelarmente explorado, que considera exemplares gregos e imitações gaulesas locais. E afirma que a simples circunstância do aparecimento duma cerâmica de características idênticas, em jazidas aliás muito distantes entre si, não pode, evidentemente, constituir uma prova cabal da existência primitiva de uma rede de relações comerciais, ou do alargamento dos limites de um império. Todavia o Prof. Jannoray não repudia inteiramente a hipótese da influência ibérica no sul da França, do mesmo modo que anteriormente essa região havia sofrido a influência helénica, e posteriormente a céltica, todas três assimiladas por uma população neolítica autóctone.

Os textos que nos falam de Iberos na região narbonense são o poema de Avieno (*Ora marítima*, vv. 586 e 591-594), Estrabão, Esquilo, Hecateu e o pseudo Scylax, afirmando este último que, entre Empóriu e o Ródano, existiam os Ligures mesclados com os Ibéros. Para Bosch Gimpera, essa população mista, cuja existência considera confirmada pela Arqueologia, seria constituída por indígenas Celtas e por Iberos que se haviam estendido pelo sul da França, e não por uma população ibero-lígure, como os escritores gregos supunham. O Sr. Prof. Garcia y Bellido também é igualmente partidário da existência de Iberos no Languedoc (Vide *Rev. de Guimarães*, vol. LVI, p. 239). Este

assunto mereceu caloroso debate no IV Congresso de Sudeste Espanhol, realizado em Elche em 1948, na ocasião em que o Prof. Jannoray ali apresentou uma Comunicação sobre os resultados das suas escavações de Ensérune.

O importante estudo do Sr. Prof. Martin Almagro, do qual damos esta ligeira notícia, alguma coisa contribuiu, sem dúvida, embora indirectamente, para o esclarecimento deste importante problema etnológico, posto que infelizmente o não haja resolvido, nem tal era por certo a sua intenção.

FERMIN BOUZA-BREY e ÁLVARO D'ORS, *Inscripciones romanas de Galicia. I—Santiago de Compostela*. Instituto Padre Sarmiento de Estudios Gallegos. 53 páginas e 18 fotogravuras. Santiago 1849.

A Secção de Arqueologia do Instituto Padre Sarmiento de Estudos Gallegos projecta a elaboração de um *Corpus* de todas as inscrições romanas achadas na Galiza. Como colaboração destinada a essa futura e valiosa Colectânea, os conhecidos Arqueólogos Bouza Brey e Álvaro d'Ors publicaram um folheto contendo a descrição de 23 inscrições e de uma estela anepígrafa, todas aparecidas na região de Santiago de Compostela, sendo dois miliários, cinco aras votivas, quinze lápides funerárias e uma inscrição imprecisa. De entre todas, apenas cinco são inéditas, mas a reedição das restantes impunha-se igualmente, pelas rectificações que os AA. introduziram em leituras anteriores incorrectas, e pelos comentários que a todas adicionaram, esclarecendo a sua procedência, etc.

A maior parte destas lápides encontra-se actualmente no Museu da Catedral de Santiago. Entre as mais importantes, destacam os AA.: um miliário de Calígula, pertencente a uma via romana mal identificada; uma ara dedicada à divindade indígena cosvs, que por vezes tem sido identificada com Marte; uma inscrição funerária contendo o nome